

PENSANDO O IMPÉRIO E SUA CONTINUIDADE NO TEMPO PRESENTE

ANDREWS, Kehinde. A nova era do império. Como o racismo e o colonialismo ainda dominam o mundo. Tradução Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

Núbia Aguilar Moreno¹

O livro de Kehinde Andrews, “A nova era do império: Como o racismo e o colonialismo ainda dominam o mundo”, publicado inicialmente em 2021, traz em seus oito capítulos uma rel

eitura de fenômenos do passado diante de uma conversa construída com as demandas do próprio tempo presente, pensando em temas como racismo, economia e formas de expressões imperiais sobreviventes na organização mundial, ainda marcada por antigas estruturas de dominação. Para discorrer sobre o argumento central, torna-se importante a conexão com as demandas atuais, pautadas por expressividades civis e movimentos políticos que buscam cobrar e, como o próprio autor propõe, refletir sobre as continuidades dos ideais coloniais, que permanecem ativos, atingindo milhares de centenas de pessoas.

Os movimentos em torno do black lives matter, crescentes nos anos da década de 2010, ganharam grande repercussão após o desumano assassinato de George Floyd nos Estados Unidos em maio de 2020. As mobilizações sociais atingiram de forma potente os próprios eixos epistêmicos, incentivando uma revisitação a temas históricos e a colocação de novas interrogações frente ao predomínio de abordagens eurocêtricas. O que Andrews demonstra é como as sobrevivências do passado colonial, amparado na lógica excludente do iluminismo, se postulam em uma ordem estrutural que dá forma a mecanismos de dominação ressignificados, estritamente vinculados às dinâmicas contemporâneas do capital, formativa

¹ É Professora substituta de História da África na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutoranda em História Social na Universidade de São Paulo. E-mail: nubiaaguilar@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9083-3633>.

de uma “Nova era do Império”, ou seja, como o racismo continua a ser um critério base para a organização contemporânea.

Eventos como genocídio, escravidão e o colonialismo foram resultantes do progressismo sustentado por ideias ocidentais, que marcaram profundamente a ordem mundial, assente em um paradigma excludente e racializado, em que povos não brancos configuram tanto os mais afetados por essa lógica, quanto os desdobramentos que contribuem com a perpetuação desse formato. O mundo capitalista reforça um *modus operandi* dominante, que suprime as ações contrárias à sua expressão, deixando com que os grupos dominados estejam na esteira, guiados pela vontade de fazer parte do grupo dominante. Em uma oferta agressiva, a estrutura de dominação continua a atingir economicamente relações de longa data, no respaldo de elites sobreviventes à época das administrações coloniais, e com acordos que extirpam e subjagam os países que antes foram colonizados. Regiões da África se demonstram como os exemplos mais expressivos dessa disposição, que também atinge a América Latina, Índia e coloca a China, hoje, como partícipe dessa ordem de exploração e mitigação.

Se de um lado a obra de Andrews nos demonstra como o colonialismo e a lógica racializada de progresso ocidental permanece vívida na atualidade, por outro, ao trabalhar com essa perspectiva o autor reduz a ação de povos e indivíduos que diariamente interagem com essa disposição. Ao localizar as formas contemporâneas de intervenção e aproveitamento econômico, dignos de serem categorizados como outras maneiras de exploração, o autor reduz narrativas, histórias e agências de pessoas que aparecem no livro apenas como alvo de estereótipos e afetadas pelo sistema mundo global, que ainda se apegam à ideia de progresso. Um exemplo claro é quando se discute as relações do Brasil com áreas do continente africano, a partir de empresas como a Companhia Vale do Rio Doce - Vale. Essa visão codifica uma camada de poder que passa distante da maior parte de conexões que são realizadas pelos povos brasileiros, principalmente os afrodescendentes, que se ligam ao continente a partir de referências afetivas e simbólicas. A linguagem utilizada por Andrews não permite ver o interesse de escalas micro (ou das maiorias minorizadas), pois se debruça apenas sobre a hegemonia, na qual incide a crítica em todo o livro, mas,

por outro lado, contribui para a visualização das hierarquias, deixando nas margens o interesse e protagonismos de outros agentes dentro desse cenário. Deste modo, Andrews fala com e para essa lógica de dominação, em uma abordagem denunciativa que vê em blocos homogêneos formas de vidas que são atingidas por essa estrutura massacrante - o que afeta, ainda que por outro lado, a dimensão humana, intrínseca a pessoas que, nesse raciocínio, são coisificadas, tanto pela opressão do capital hegemônico, quanto pela escrita sobre esses sujeitos.

Andrews começa sua discussão instigando a atualidade do debate em torno do capitalismo racial, ainda expressivo e estrutural na ordem mundial afetada por histórias de um passado marcado pela escravidão e práticas genocidas, amparadas em uma compreensão de uma modernidade estritamente racializada e voltada para a fabulação de um conhecimento enviesado e legitimado pelo Ocidente. Como sublinha o autor, “o Ocidente inventou as teorias científicas para ‘provar’ a superioridade dos brancos e fingiu que era verdadeira” (p.15).

O primeiro ponto que desencadeia esta discussão percorre os elementos fundantes a um ideário de modernidade, no qual a branquitude se fez no discurso racional do iluminismo, com a exclusão de povos e culturas além das fronteiras do Ocidente. A ideia de racionalidade e lógica administrativa baseada no pressuposto de organização europeu foi um importante passo para suprimir outras formas de conhecimentos e expressões humanas, que passaram a ser cada vez mais racializadas. Podemos entender essa disposição a partir do estabelecimento de uma ordem preponderante em que discursos se demonstraram cada vez mais aliados a manifestações do poder e controle subsidiados no Ocidente. O iluminismo, a partir desta leitura, é tido no seio do encontro de ideias racistas que projetavam no outro o espectro de diferença, elementar para a legitimidade do saber científico racial.

Na operacionalidade dessa lógica de se apresentar ao mundo, escalonado por formas de conhecimento baseados em hierarquias, encontramos uma profusão de saberes etnocêntricos, em que os eventos transcorridos no passado são lidos e incrustados na memória social a partir da lente europeia, pela qual “o sucesso do Ocidente foi construído” (p. 59).

O entendimento da América, considerada “descoberta”, passou longe do conceito de genocídio, que não foi aplicado ao fenômeno que deixou milhares de corpos de indígenas esfacelados pela lâmina dos invasores europeus do século XV e XVI. Passo semelhante se aplica para os movimentos seguidos no século XIX em regiões da África e da Ásia. Os campos de concentração do continente africano, que atingiu abruptamente a população dos Hereros, na atual Namíbia, pouco disseram sobre os calorosos debates de desumanidade que tomaram a cena no pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Desse modo, fica cada vez mais identificado que humanidade e portadores de direitos universais possuem um status de cor e localizações específicas, do norte global.

A edificação do sistema excludente não se deu só pelas narrativas que se contam, mas pelas ações que tornavam, como dizia Elza Soares, a carne negra a mais barata do mercado. Andrews se utiliza dessa metáfora para demonstrar como a escravidão atlântica foi o alicerce do enriquecimento dos países europeus e esteve profundamente conectada ao processo de industrialização da Inglaterra e nas principais empresas que sustentam as bases econômicas da modernidade. O autor demonstra como a economia da escravidão mobilizou toda a sociedade, desde a produção de matérias-primas, como o algodão com o uso de mão de obra escravizada, ou o açúcar, que foi um bem tão valorizado, até o envolvimento de bancos que foram partícipes com a criação de seguros e apólices para a transação dos navios tumbidos. A usurpação de vidas, histórias e narrativas é vista pelo autor de modo assimétrico, em certos aspectos, apresentando parcamente as lógicas internas que regiam as vidas desses sujeitos, seja no continente africano ou em outras áreas, pressuposto a lógica da escravidão e relações sociais desenvolvidas a partir daí. Mas, por outro lado, a análise é rica em retomar o argumento da dependência econômica que a Europa criou com o sistema escravista, com atenção para a tese de Walter Rodney de como a Europa subdesenvolveu a África, lançada em 1972.

Mas, a racialização ultrapassa a concepção moderna de corpos categorizados como negros e atinge outros sujeitos que estão fora da categoria refinada pelo eurocentrismo da branquitude. Tal feito pode ser encontrado pela apropriação das relações dispostas com a China que,

segundo o autor, apesar de seu exponencial crescimento, não apresenta uma ameaça para a ordem de dominação atual, mas sim uma aliada. O colonialismo é conservador, e se sustenta nas pequenas a grandes ações do cotidiano, como o contato com o produto Cadbury que ultrapassa as fronteiras britânicas para se fazer presente por meio da exploração dos meios de produção encontrados no sul-global, em especial no continente africano, como também nas estratégias comerciais que ratificam a dependência econômica e limitação de ascensão possível para regiões que tiveram, em um passado longínquo e antes da interferência europeia, maiores chances de ascensão.

Como um movimento que permite continuidades, há também os reveses, que são interpretados pelas tensões geradas com os movimentos migratórios, como o “feitiço do imperialismo se voltando contra o feiticeiro” (p. 296) e a ascensão do neoliberalismo que afeta visceralmente o núcleo norte-americano e britânico, exemplificado por serem atingidos abruptamente pela pandemia de Covid-19. O Novo Império, por essa ótica, continua sendo sustentado pela coerção racial econômica, em que o medo dos imigrantes inundarem as antigas metrópoles é a base racial que auxilia na mobilização popular em torno da permanência de atitudes racistas e a sustentação de governos desequilibrados. A ideia de progresso ainda repercute na permanência dessa estrutura racializada e excludente, que até pode fazer o Ocidente desabar, mas o alerta de Andrews recai sobre a consequência, caso ele desabe por si só.

RECEBIDO EM: 14/06/2024

APROVADO EM: 04/10/2024